

1

Introdução

O interesse pelo tema deste trabalho, o uso de estruturas alternativas às construções hipotéticas com *se* e com o futuro simples do subjuntivo, surgiu da experiência da autora ensinando português como segunda língua a estrangeiros residentes no Brasil e da evidente necessidade de se apresentar uma descrição dessas construções de acordo com os usos do português.

Os professores de português como língua estrangeira ou como segunda língua (doravante, PL2E¹) deparam-se com a dificuldade de ensinar o uso dos tempos verbais do idioma. As diferenças entre o passado perfeito e o imperfeito do indicativo e entre o pretérito perfeito composto do indicativo e o presente contínuo, para elencar apenas algumas questões, exemplificam esse obstáculo. Outro problema, aquele do qual esta pesquisa trata especificamente, é o ensino dos tempos do modo subjuntivo quanto à forma e, principalmente, aos usos. A esse respeito, dissertações e teses já foram desenvolvidas, mas nenhuma com o enfoque aqui escolhido, qual seja, o foco no uso de estruturas alternativas a um período tipicamente construído com o modo subjuntivo – o período hipotético iniciado por *se* e seguido do futuro simples do subjuntivo. Alguns trabalhos, desenvolvidos no âmbito de pesquisa em pós-graduação do Brasil, como os de Brandão (1995), Medeiros (1996), Gonçalves (2003), Almeida (2010) e Marques (2013), e de Portugal, como o de Santos (2003), são exemplos de estudos em que se busca uma descrição mais satisfatória do uso do modo subjuntivo aos quais se teve acesso. Tratam, em suma, dos usos desse modo de uma forma geral em língua portuguesa, da flutuação entre o referido modo e o modo indicativo na fala; da ocorrência dos tempos do modo subjuntivo em orações relativas; e do uso do subjuntivo e do infinitivo em orações completivas no português.

No entanto, outra questão que suscita interesse é o não uso do tempo futuro simples do subjuntivo no período hipotético construído com a conjunção *se*, conforme mostram os seguintes exemplos:

¹ Nesta dissertação, as siglas PL2E, PL2 e PLE estão sendo utilizadas, indistintamente, para se fazer referência ao ensino de português em contextos em que esse é o principal idioma de comunicação, como é o caso do português como segunda língua, e em contextos em que o português não é o sistema de comunicação primordial, como é o caso do português como língua estrangeira.

(a) *Se você chegar tarde, a gente não vai entrar no teatro.*

(b) *Se você chega tarde, a gente não entra no teatro.*

O primeiro exemplo é elaborado com a construção canônica do período hipotético com *se*: futuro simples do subjuntivo na oração subordinada e futuro do indicativo perifrástico na oração principal. O segundo exemplo apresenta estrutura diferente: presente do indicativo nas duas orações e, apesar disso, indica não um fato real, mas uma hipótese de possível realização no futuro. Essas construções podem ser confrontadas com duas outras, que também exprimem hipótese:

(c) *Você chega tarde e a gente não entra no teatro. E aí?*

(d) *Vai que você chega tarde e a gente não entra no teatro.*

Nos três últimos exemplos, não se usou o modo subjuntivo para a construção de períodos hipotéticos em português. Estas quatro construções são examinadas comparativamente neste trabalho, buscando se verificar em que contextos comunicativos são mais empregadas.

O foco deste estudo incide, portanto, no período hipotético iniciado por *se* e nas formas alternativas de realizá-lo exemplificadas acima, empregadas pelos falantes de português do Rio de Janeiro. O objetivo é que o trabalho possa oferecer uma contribuição, no que se refere ao ensino desse período, para professores de português a falantes não nativos e para todos os que se interessam pelo assunto.

Como demonstrado nos parágrafos acima, sabe-se que o referido período realiza-se através de diferentes recursos sintáticos e de diversos esquemas modo-temporais quando realizado pelo processo de subordinação (Neves, 2000; Vaz Leão, 1961; Mateus et al., 2003). Entretanto, os materiais didáticos destinados ao ensino de PL2E geralmente apresentam o período como sendo formado apenas pelo esquema modo-temporal canônico – presente em (a) –, ou seja, com a presença da forma subjuntiva. Contudo, se estão disponíveis em português formas variadas de expressar o mesmo nexos semântico nesse período, se são empregadas pelo falante e não estão bem descritas nas gramáticas e em outros trabalhos, torna-se necessária uma descrição dessas construções, com o objetivo de especificar

seus usos, bem como de sugerir a inclusão dessas estruturas nos programas de ensino de PL2E.

Tendo em vista a existência das estruturas alternativas elucidadas acima, é relevante perguntar-se:

(1) Quais são as estruturas alternativas que exprimem o mesmo nexo semântico do período hipotético construído com *se* e com o futuro simples do subjuntivo?

(2) Essas estruturas alternativas são atualmente empregadas pelos falantes? Se sim, em que contextos?

(3) Gramáticas e trabalhos descritivos da área tratam dessas estruturas alternativas? Se sim, de que modo são tratadas?

(4) Essas construções estão inclusas nos programas de ensino de PL2E?

Essas são questões importantes que não serão integralmente respondidas aqui mas que revelam o caráter original do tema e da abordagem deste trabalho.

1.1 Relevância

Haja vista a dificuldade no ensino dos tempos do modo subjuntivo descrita acima, este trabalho é relevante por vários motivos, pois oferece aos professores de português como segunda língua (PL2) ou como língua estrangeira (PLE) uma descrição das referidas construções baseadas nos seus usos. Por conseguinte, mostra formas de não usar o modo subjuntivo no período hipotético eventual e em que contextos essa substituição é adequada. O uso de estruturas diversificadas e apropriadas ao contexto comunicativo caracteriza a fala de um aprendiz proficiente; portanto, o emprego adequado das estruturas analisadas aqui pode contribuir para a desenvoltura na produção oral dos alunos, pois oferece construções alternativas ao uso do modo subjuntivo em contexto em que essa opção é válida.

1.2 Hipóteses

Neste trabalho, parte-se da hipótese geral de que o uso do modo subjuntivo na referida construção estaria condicionado ao fator formalidade e de que as

demais construções apresentariam particularidades de uso e de significado. Portanto, as hipóteses a serem averiguadas são as seguintes:

- (1) Há uma clara preferência pelas estruturas alternativas à construção com o subjuntivo no discurso oral informal.
- (2) Há formas alternativas cujo uso é preferencial em relação às demais construções estudadas.

1.3 Objetivos

Considerando tais hipóteses, os objetivos gerais desta dissertação são:

- (1) Caracterizar o uso das quatro construções examinadas aqui.
- (2) A partir dessa caracterização, contribuir para a área de estudos de PL2E, oferecendo subsídios aos professores da área com relação ao emprego do tempo futuro simples do subjuntivo nas orações condicionais do período hipotético iniciado por *se* e com relação ao emprego das estruturas alternativas estudadas aqui.

Como objetivos específicos, têm-se:

- (1) Com relação ao emprego do subjuntivo nas condicionais com a conjunção *se* que se referem a um fato que ainda não ocorreu, identificar ambientes comunicativos em que o falante tem preferência pelo emprego da forma subjuntiva.
- (2) Determinar se as estruturas alternativas estudadas são, efetivamente, alternativas.
- (3) Analisar como os fatores pragmáticos proximidade, intimidade, hierarquia e formalidade influenciam o uso da estrutura canônica e/ou das estruturas alternativas no discurso oral.
- (4) Construir uma escala de congruência com as estruturas em foco, analisando-as comparativamente.

1.4

Organização do trabalho

Este trabalho é composto por seis capítulos. Esta introdução é o primeiro deles e apresenta o tema, a relevância, as hipóteses e os objetivos desta pesquisa. O capítulo dois trata da revisão da literatura sobre o período em foco, revisando os conceitos de frase, oração, período, período hipotético e modo subjuntivo. Selecionaram-se autores renomados, representantes da tradição gramatical, da abordagem funcionalista, que considera os usos linguísticos, e de outros, que oferecem uma visão ampla sobre o tema estudado. No capítulo três, são explicitados (i) os pressupostos teóricos que alicerçam este trabalho, com base em conceitos da teoria de Halliday (1994) e dos estudos interculturais de Wierzbicka (1991), e (ii) a metodologia adotada. Quanto a esta, apresenta-se o questionário construído para esta pesquisa, além de informações referentes aos informantes, à coleta de dados, ao tipo de pesquisa etc. No capítulo quatro, é apresentada uma escala de congruência com as estruturas estudadas e é exposta a análise dos dados coletados através do questionário. São examinadas, detalhadamente, as respostas obtidas para cada situação do questionário, levando em conta as hipóteses iniciais. No capítulo 5, encontram-se as principais conclusões deste trabalho e, no capítulo seis, as referências bibliográficas.